

Paidéia e politéia em Platão

RICARDO JOSÉ BARBOSA BAHIA¹

¹ Professor titular IV da FCH/FUMEC, mestre em filosofia pela FAFICH/UFMG

² CROMBIE, I. M. *Análisis de las doctrinas de Platón. El hombre y la sociedad*. 1979, p. 216. Versão espanhola de: Ana Torán y Julio César Armero.

³ Aurélio Agostinho nasceu em 354, em Tagaste, cidade da Numídia, África, e morreu em 430, em Hipona, sitiada pelos vândalos.

⁴ Plotino nasceu em 205, em Licópolis, e morreu em 270. Em sua honra o imperador Galiano e sua esposa Solonina quiseram fundar uma cidade com o nome de Platonópolis, cujos habitantes deveriam viver de acordo com os ensinamentos de Platão. Infelizmente, o projeto não se realizou, mas mostra a veneração de Plotino a Platão.

“La grandeza de Platón, por lo tanto, como pensador de temas prácticos no se basa en la cantidad de respuestas que dio y que continúan siendo correctas a la luz de una experiencia, sino en la cantidad de preguntas que hizo con precisión. Dio a estos problemas una forma dentro de la cual aún pueden ser discutidos. Continúa siendo el crítico más mordaz de las posturas liberales, y le sería muy beneficioso a cualquier liberal complaciente darse cuenta de la enorme fuerza de los razonamientos de Platón”. (I.M. Crombie²)

Platão, citado na proporção inversa em que é lido, sofre interpretações algumas tão livres que beiram a má-fé. Sua divulgação ampliou-se quando predominou um propósito de descaracterizá-lo enquanto pensador grego aristocrático e contundente, quando se buscou apresentá-lo como mero divulgador de Sócrates, limitado este a um papel caricato de João Batista filosófico, prenúncio da doutrina cristã. Agostinho³, bispo de Hipona, foi dos primeiros a honrar-lhe a memória e a trair-lhe o pensamento, continuando tarefa iniciada por Plotino⁴, que Agostinho, aliás, conhecia melhor e mais completamente que ao próprio Platão, de quem possuía conhecimento limitado. Mas esse Platão cristão anunciador de um amor puro e desinteressado dos prazeres carnis se amesquinha diante do gigante político e

do pensador revolucionário que clama contra o demagógico sistema democrático ateniense, que lhe mata o mestre e lhe envenena a alma.⁵ Como apontado na epígrafe, a crítica platônica mantém-se mordaz em relação às posturas liberais contemporâneas, banais e mistificadoras, tentáculos de uma sociedade eivada de discórdias e desavenças, excludente e perversa em sua rapina comercial em que os lucros importam mais que as gentes.

Indubitavelmente, de todas as aleivosias escritas, nenhuma supera a do matemático e físico Karl R. Popper⁶, Cavaleiro do Império Britânico, exposta no primeiro volume de sua *A Sociedade Aberta e seus Inimigos*, intitulado O Fascínio de Platão. São quase quatrocentas infelizes páginas da mais sórdida má-fé⁷. Popper inicia o prefácio da primeira edição inglesa afirmando:

"Se neste livro se falam palavras ásperas com relação a alguns dos maiores dirigentes intelectuais da humanidade, não é o desejo de depreciá-los, creio, o meu objetivo. Nasce ele antes da convicção de que, se nossa civilização tem de sobreviver, devemos romper com a habitual deferência para com os grandes homens. Podem os grandes homens cometer grandes enganos; e, como este livro tenta mostrar, alguns dos maiores condutores do passado sustentaram o permanente ataque contra a liberdade e a razão. Sua influência, demasiado raramente discutida, continua a transviar aqueles de quem depende a defesa da civilização e a dividi-los. Tornar-se-á nossa a responsabilidade por essa trágica e possivelmente fatal divisão, se hesitarmos em ser francos na crítica ao que reconhecida-mente é uma parte de nosso legado intelectual."⁸ (Popper, 1987, p.7)

Ora, se os grandes homens cometem grandes enganos, que enganos não cometem os pequenos como Popper, que nada mais faz que enquadrar Platão à luz de seu zeloso cientificismo a serviço do modo de produção capitalista, de onde a imensa popularidade que o autor goza entre os anglo-saxões, representantes do utilitarismo moderno e tão avessos à cultura superior, temida e combatida em seu afã imperialista de se colocarem como os senhores do mundo e representantes da liberdade. Boaventura de Souza Santos, citando Bourdieu, nos adverte que "os sociólogos tendem a ser sociólogos em relação aos outros e ideólogos em relação a si próprios". (Souza San-

⁵ "As explicações que acabamos de dar deveriam oferecer-nos o sentido da perspectiva correta de leitura da República, vem a ser, da obra-prima que constitui, por muitos aspectos, a *suma do platonismo*. Perguntar-se, como fizeram alguns, se se trata de uma obra de política ou de ética significa formular um pseudoproblema, que nasce, como já insinuamos, de um modo de entender política e ética próprio dos tempos modernos, mas que nem é o de Platão nem, em geral, o do mundo grego clássico". REALE. II, p. 241.

⁶ Karl Raimund Popper, nascido em Viena, 1902, manteve contatos estreitos com os membros do chamado Círculo de Viena e possui certa importância entre os adeptos do neopositivismo e da filosofia analítica, principalmente por sua revisão crítica do princípio de verificabilidade e pela formulação do princípio de falsificabilidade. Em 1946, foi chamado para ensinar na London School of Economics, onde se deu muito bem, permanecendo na Inglaterra até sua morte.

⁷ Na tradução de Milton Amado, publicada pela Editora Itatiaia, de Belo Horizonte / Editora da Universidade de São Paulo, em 1987.

⁸ Mesma obra, p.7.

tos, 2000, p.17) Ora, desde o inesquecível debate sobre a sociologia alemã, em que Theodor Wiesegrund Adorno desnudou o caráter ideológico de seu debatedor, Popper, desvelando-lhe os limites intelectuais e o caráter limitado, deveríamos não mais nos preocupar com o Cavalheiro da Rainha, mas esse autor polêmico nos serve bem como modelo das distorções que são feitas pelos que tentam colocar-se como referência definitiva de toda a civilização. Não pretendemos nos alongar mais que o necessário com os defensores de nosso legado intelectual.

Platão e seu tempo

Reconhecidamente um dos grande intérpretes contemporâneos de Platão, Giovanni Reale nos alerta para o grande desafio de se encontrar a perspectiva correta de leitura da República, que, segundo ele, vem a ser a obra-prima, a *suma* do platonismo, e nos mostra que

“Perguntar-se, como fizeram alguns, se se trata de uma obra de política ou de ética significa formular um pseudoproblema que nasce, como já insinuamos, de um modo de entender política e ética próprio dos tempos modernos, mas que nem é o de Platão nem, em geral, o do mundo grego clássico”.⁹ (Reale, 1994, p. 24)

Um dos ângulos mais formidáveis da análise platônica é o educacional. Ninguém antes dele, e bem poucos após, souber perceber a importância do processo educacional na construção do homem e, conseqüentemente, na estruturação de um Estado digno da racionalidade pretendida em suas normas consensuais. Nascido em 427 a.C., Platão¹⁰ viveu, portanto, após o glorioso século de Péricles, convivendo com todas as agruras dos longos 30 anos da guerra do Peloponeso, quando Esparta vence Atenas, saindo do conflito tão exaurida como a metrópole derrotada. Os ventos que sopravam do norte trazendo a ganância de Filipe misturavam-se aos vindos do oriente, tempestuosamente ameaçadores das pretensões imperiais dos medos e persas. Como se não bastassem as ameaças externas, a vida

⁹ Perspectivas de leitura da República, 1994. II, p. 240

¹⁰ Diógenes Laértios, no livro III de sua célebre *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, nos conta que “Em sua *Crônica*, Apolodoros situa o nascimento de Platão na 87ª Olimpíada, no sétimo dia do mês Targelion, no mesmo dia em que, segundo os délios, nasceu Apolo. De acordo com Hermípos, Platão morreu enquanto participava de um banquete nupcial, no primeiro ano da 108ª Olimpíada, aos oitenta anos de idade”. Usamos a tradução do grego feita por Mário da Gama Kury, 1988, p.85.

de Platão desenrolou-se concomitante à praga “democrática” representada pelos sofistas, a soldo dos metecos, culminando com a condenação de Sócrates, acusado de ateísmo e de corrupção dos jovens, por Ânitos, Lícon e Mêletos.¹¹

A importância de Platão na formação da cultura ocidental

Abrindo a tradução brasileira da monumental obra de Giovanni Reale¹² *Para uma nova interpretação de Platão*, H. C. Lima Vaz, citando Hans-Joachim Krämer¹³, na obra *Arete bei Platon und Aristoteles: zum Wesen und zur Geschichte der platonischen Ontologie*, afirma que:

“Nessa obra verdadeiramente fundamental, Krämer investiga a formação e o desenvolvimento da ontologia platônica a partir da noção central de areté ou “excelência” (impropriamente traduzido por “virtude”). Essa noção, constitutiva do núcleo mais profundo da vida espiritual grega, é transposta por Platão ao plano de uma *ontologia* ou ciência do ser, cujas categorias mais significativas são a noção de “ordem” (*táxis*), de medida (*métron*) e “justo meio” (*mesótês*) e, finalmente, de “bem” (*agathón*).” (Reale, 1997, p. XVII)

Como podemos perceber, as categorias apontadas como sendo as mais significativas em Platão indicam a densidade pedagógica do esforço teórico empreendido pelo pensador, que, origem do pensamento ocidental, identificou também que grandes diferenças no nível econômico revelam-se impedimentos a qualquer pretensão democrática e mostrou que, não sendo abolidas, nenhum processo social poderia obter resultados satisfatórios. Apontou que o mérito pessoal, apesar de importante, não é suficiente nem capaz de superar as distorções sociais; delineou que seria possível evitá-las com a coragem necessária de abordar aspectos, ainda hoje intimidadores, como a eutanásia, a necessária análise da estrutura familiar tradicional,

¹¹ Diogenes Laertios, na obra citada, p.57, (39) nos conta que “Antistenes, em sua *Sucessão dos Filósofos*, e Platão, em sua *Apologia*, dizem que houve três acusadores – Ânitos, Lícon e Mêletos; Ânitos foi o porta-voz do ressentimento dos artifices e políticos, Lícon dos retóricos e Mêletos dos poetas (todas essas classes (sic.) tinham sido satirizadas por Sócrates).

¹² REALE, Giovanni. *Per una nuova interpretazione di Platone. Rilettura della metafisica dei grandi dialoghi alla luce delle “Dottrine non scritte”*. Milano: Vita e Pensiero, 1991. Tradução de Marcelo Perine, a partir da 14ª edição, com o acréscimo de um quarto apêndice, publicada pelas Edições Loyola, 1997, p. 636

¹³ HEIDELBERG, Carl Winter, 1959 (2 ed., 1967)

o trato com as questões religiosas, etc.

Metafísico, dualista, idealista - rótulos que lhe são apostos -, não passam de pálidas aproximações, quando não, perturbações intencionais nas mentes ingênuas e influenciáveis daqueles que iniciam o trabalho de conhecer o mestre ático.

Pretendemos explicitar algumas questões de âmbito educacional que Platão elenca em seu Diálogo monumental, obra de sua maturidade, expressão de seu pensamento já distanciada do "humanismo" socrático, *Politéia*, não inocentemente traduzida e popularizada pelo vocábulo latino *República*, que torna ambígua a intenção tão logicamente manifesta no original grego.

Não poderíamos deixar de frisar os limites do empreendimento, muito mais pela precariedade de nosso conhecimento que pela exigüidade de espaço que um artigo oferece. Como estamos participando da primeira publicação do curso de Pedagogia da Fumec, julgamos imprescindível ajuntar aos demais trabalhos um que ouse tratar – ainda que timidamente – daquele que, sem dúvida, foi um dos pilares de nossa cultura e gigante entre os criadores da paidéia ocidental.

Nossa intenção é a de esboçar algumas questões que levarão o leitor cioso a buscar no texto platônico um enquadramento mais apropriado que uma mera desconsideração do artigo, atitude ideologicamente compreensível, oriunda de uma postura cultural comum aos liberais que temem qualquer grandeza, mesmo contida em um pensamento nascido na distância do século quarto anterior a nossa era. Boaventura de Souza Santos afirma que

“vivemos um tempo de transição paradigmática. As nossas sociedades são intervalares tal como nossas culturas. Tal como nós próprios. É um tempo não muito diferente daquele que Mallarmé designa na sua autobiografia como ‘interregno’, um tempo entre *trop de désuétude* e *effervescence préparatoire*”. (Souza Santos, 2000, p.16.)

A modernidade, esse tempo burguês delineado com mais clareza a partir do séc. XVII, se desmorona epistemológica e societalmente, apesar dos esforços dos epígonos da *sociedade aberta*. O excessivo desuso de nossos valores apregoados pe-

los moralistas de plantão torna-nos cínicos e desiludidos. O cinismo se mostra também e claramente na prática pedagógica de nossos níveis escolares, em todos, da pré-escola à pós-graduação. Um nível prepara para o outro, e nenhum prepara o educando para a vida. O individualismo característico da modernidade explode em sua versão caricata, própria dos tempos de decadência. Fala-se em globalização, em planetarização, ao mesmo tempo em que as diferenças tornam-se absurdas dentro de uma mesma família. Tempos de um oceano de miséria absoluta com suas ilhas de fartura insensata. O Estado, que significaria o resultado da evolução de uma consciência construída em sua historicidade, como Hegel procurou mostrar em sua admirável Fenomenologia do Espírito, a educabilidade enquanto construtibilidade - o que o alemão chama *BILDUNG* e o grego chamava *PAIDÉIA* -, esse Estado descaracterizado, amaldiçoado pelos amantes da *sociedade aberta*, sustenta a iniquidade que um dia pretendeu combater.

Platão, seguido séculos após por Hegel e Marx, deteve-se diante do enigma da possibilidade da eticidade.

Quando batizamos nossa revista *PAIDÉIA*, pretendíamos renovar nossa obrigação, enquanto educadores, de analisar até que ponto nossa prática pode ser realmente crítica e emancipatória, situada que é em um tempo em que a crítica e a emancipação desmoronam-se no pesadelo do consumo, nunca atingido e sempre desnecessário, apregoado nessa cultura que se fez de massa e infantilização.

Paidéia e Politéia

Giannotti (2000) aponta a seguinte passagem de *Para a Crítica da Economia Política*, de Marx, como sendo o núcleo da concepção materialista da história:

" As relações jurídicas, tais como as formas de estado, não podem ser compreendidas nem a partir de si mesmas, nem a partir do assim chamado desenvolvimento do espírito humano, mas, pelo

contrário, elas se enraízam nas relações materiais de vida, cuja totalidade foi resumida por Hegel sob o nome de "sociedade civil" [bürgerliche Gesellschaft] (Marx, 1974, p. 135-6)

Insistentemente afirma-se que a assim denominada Razão Metafísica Clássica inicia-se com Platão e culmina com Hegel. Um dos aspectos mais contemporâneos da análise dos textos marxianos consiste em limpar a pátina de uma aversão sistemática de Marx em relação a Hegel, difundida pelo marxismo stalinista; aliás, o próprio Marx, em 24 de janeiro de 1873, no Posfácio da 2ª edição do Capital, declara que:

"Critiquei a dialética hegeliana, no que ela tem de mistificação, há quase 30 anos, quando estava em plena moda. Ao tempo em que elaborava o primeiro volume de "O Capital", era costume dos epígonos impertinentes, arrogantes e medíocres, que pontificavam, nos meios cultos alemães, comprazerem-se em tratar Hegel tal e qual o bravo Moses Mendelssohn, contemporâneo de Lessing, tratara Spinoza, isto é, como um "cão morto". Confessei-me então, abertamente, discípulo daquele grande pensador. No capítulo sobre a teoria do valor, joguei várias vezes com seus modos de expressão peculiares. A mistificação por que passa a dialética nas mãos de Hegel não o impediu de ser o primeiro a apresentar suas formas gerais de movimento, de maneira ampla e consciente." (Marx, 1980, p. 16-17)

Ora, a simplificação arrogante e medíocre de rotular Platão como idealista, dando ao termo muito mais a acepção do senso comum, sendo que sabemos mesmo a filosófica provocar sérias dificuldades de compreensão correta, cria barreiras àqueles que, iniciantes nas lides filosóficas, ou, como hoje se diz, nas ciências humanas e sociais, buscam a origem (arché) da cultura que passarão a representar. Também rotulado de *idealista realista* (sic.), Platão escapa com sua complexidade ao dogmatismo ingênuo ou não dos epítetos generalizantes. E se há o que podem chamar mistificação em seu pensamento, o fato se deve a transpô-lo grosseiramente para o padrão compreensivo de nosso tempo, roubando-lhe o contexto, sem o qual se torna passível de toda sorte de paixões, do amor incontido que lhe devota Rousseau ao ódio frenético do cavalheiro Popper.

A República¹⁴ inicia-se com uma discussão aparentemente

simples, se mais vale ao homem ser justo ou injusto, concluindo pela primeira possibilidade: a justiça é o que mais importa, surgindo daí a questão de como pode ser alcançada. O homem é naturalmente justo ou pode ser moldado justo? A justiça é acessível aos cidadãos se a sociedade é injusta? Ou o contrário, pode haver uma sociedade justa composta por cidadãos injustos? Mas, antes de tudo, o que é a justiça que todos consideram fundamental? Não se apresenta uma definição conclusiva. O que se mostra, sobretudo, é a dificuldade em clarear o conceito, apesar de todos julgarem sabê-lo quando, na realidade, ninguém de fato o possui.

Platão inaugura a busca que irá caracterizar o rumo de toda a filosofia ocidental: saber como os homens devem se organizar para merecer a condição de racionais, com a qual afirmam diferir dos animais e ser imagem e semelhança de deuses. O mito de Gíges (1983, 359d, 56) mostra o medo da impunidade como sustentáculo da sujeição às normas sociais. Com o anel mágico, o Lídio consegue a invisibilidade, com a invisibilidade seduz a rainha, mata o rei e se torna o homem mais poderoso da Lídia. Sem a possibilidade de invisibilidade, o homem comum submete-se ou então simula submeter-se às normas vigentes. “Pois o supra-sumo da injustiça é parecer justo sem o ser” (1988, 361-58). Ora, o que os poetas fazem a não ser pregar a simulação, a apresentar como sendo real aquilo que não é? Platão mostra com insistência como a influência de Hesíodo e Homero funciona como óbice epistemológico e, por consequência, moral. Se toda a educação grega partia dos modelos humanos construídos pelos vates não há como edificar a cidade racional. A exaltação rática, a apologia dos aristos, dos melhores e o desprezo pelos homens comuns, kakos, conduzem à não percepção de que uma sociedade justa não pode ser em sua base constituída por antagonismos radicais entre seus membros. Gíges pode representar uma aspiração malsã do homem, cabe à educação correta evitar que isto ocorra. A justiça será que cada um exerça uma só função na sociedade, aquela para a qual, por natureza, foi mais dotado (433 a). Representando as dimensões da alma,

¹⁴ Usamos a tradução portuguesa da Fundação Calouste Gulbenkian, feita por Maria Helena da Rocha Pereira a partir do texto grego editado por J. Burnet in *Platonis Opera, T. IV*, Oxonii e typographeo Clarendoniano, 1949. A tradução portuguesa foi impressa por Orgal, Orlando & Ca., Porto, em outubro de 1983. Como está se tornando-se lugar comum, usaremos a indicação do ano da edição da tradução, parágrafo e página.

os homens deverão se enquadrar em uma das três classes possíveis: os guardiões, os militares e os artífices. Cabe à organização do Estado possibilitar total igualdade de condições socioeconômicas às crianças, para que todas, inclusive as mulheres, possam desenvolver o melhor de si em proveito de todos. E cada um, adequado ao que deve ser, receberá em retorno o que lhe é devido; os menos dotados intelectualmente devem receber mais bens concretos, uma vez que não conseguem alcançar os bens maiores, que são os do espírito, os do intelecto.

Conclusão

Não há como, hoje, assumir as metas sociais platônicas. Nem mesmo percebendo o que se pretendia com elas. Sabemos que o processo educacional é uma decorrência do econômico, decorrência dialética que retira a ilusão de que somos resultado apenas de uma formação intelectual. Platão intuiu, em sua condição arquetípica, que a decadência de Atenas estava ligada a sua expansão econômica desordenada e causadora de distúrbios internos constantes, com o interesse geral sendo abandonado. Aristocrata, pensou em soluções do espírito. Diante das atuais condições extremas de desordem socioeconômica, *kakos* que somos, pensamos em soluções de força; perdemos a condição de cidadania e assumimos o destino de massa sem forma definida e sem sensibilidade moral. Platão torna-se um delírio distante que alguns insensatos tentam analisar. Marx, como vimos, adjetiva a busca hegeliana de ordem social como mistificadora, uma vez que Hegel não percebera o caráter classista do Estado. Pois bem, não estamos sendo alertados, hoje em dia, pelos epígonos do liberalismo, a respeito do caráter mistificador da hegemonia do partido único, do sonho de uma sociedade comunista? Ora, se Platão ousou, no séc. IV a.C., utilizar mitos e metáforas para fazer pensar temas fundamentais para os quais não havia sequer uma linguagem filosófica apropriada, se Hegel mistificou, na opinião de Marx, a mes-

ma ousadia platônica, se o próprio Marx, em sua contundente crítica da sociedade burguesa, ultrapassou limites e sonhou, por que não podemos sonhar pelo menos os sonhos desses grandes que nos antecederam para, quem sabe, renascer sua filia agônica? Por que não podemos antepor ao desejo do consumo de inutilidades a busca autêntica, mesmo se para tanto ingênuo, de uma sociedade mais justa, como Schiller pregava nos versos usados por Beethoven na sua Nona Sinfonia, que enfim milhões nos tornemos irmãos?

Educadores não são apenas instrumentalizadores, Somos, principalmente, pregoeiros de sonhos e de transformações. Alcançaremos a Politéia permitindo-nos uma Paidéia, mesmo cheia de sonhos como os platônicos.

Referências bibliográficas

CROMBIE, I. M. *Análisis de las doctrinas de Platón...* El hombre y la sociedad. Madrid: Alianza Editorial S.A., 1979, v. 1. Versão espanhola de Ana Toran y Júlio César Armero.

GIANNOTTI, J. A. *Certa herança marxista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LAÉRTIOS, D. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Brasília: Ed. da Universidade Nacional de Brasília, 1988.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*, 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. (Livro 1)

MARX, Karl. *Para a crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Os Pensadores, 30)

PLATÃO. *A República*. Porto, Portugal: Fundação Calouse Gulbenkian, 1983.

POPPER, K. R. *A sociedade aberta e seus inimigos*. Tradução de Milton Amado. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1987, v.1.

REALE, G. *História da filosofia antiga: Platão e Aristóteles*. Tradução de Cláudio Lima Vaz e Marcelo Perini. São Paulo: Loyola, 1994, v. 5.

_____. *Para uma nova interpretação de Platão*. São Paulo: Edições Loyola, 1977.

SOUSA SANTOS, Boaventura. *A crítica da razão indolente, contra o desperdício da experiência*. In: _____. *Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática*. São Paulo: Cortez, 2000, p.17.

PAIDĒIA E POLITĒIA EM PLATÃO

O artigo procura demonstrar as dificuldades existentes na análise de uma obra clássica – no caso, A República, de Platão –, tendo em vista as mudanças de paradigmas e os reducionismos ideológicos. Analisa a dificuldade de um diálogo entre o leitor atual e o autor, do século IV a.C., devido aos óbices epistemológicos indicados. Insiste, no entanto, na importância fundamental de não se perder a dialeticidade da cultura, principalmente nos campos da educação e da política.

Palavras-chave: *Dialeticidade da cultura, educação, política, óbices epistemológicos.*

“PAIDĒIA” AND “POLITĒIA” IN PLATO

The article aims to show the difficulties faced when analyzing a classical work - in this case, The Republic, by Plato -, taking into consideration the changes in paradigms and the ideological reductive issues. It analysis how difficult a dialogue between the current reader and the IV BC-Century author is, due to the epistemological restraints pointed out. It insists, however, on the utmost importance of not losing culture's dialectics, mainly in the fields of education and politics.

Key Words: *Culture's dialectics, education, politics, epistemological restraints.*

PAIDEIA ET POLITEIA CHEZ PLATON

L'article essaie de présenter les difficultés rencontrées lors de l'analyse d'une oeuvre classique – en l'occurrence, La République, de Platon – en considérant les changements de paradigmes et les réductionnismes idéologiques. On analyse les difficultés d'un dialogue entre le lecteur actuel et l'auteur (Athènes, -428 -348), difficultés dues aux obstacles épistémologiques qui viennent d'être indiqués. On insiste cependant sur la nécessité de garder la dialectique culturelle, surtout dans les domaines de l'éducation et de la politique.

Mots-clés : *Dialectique culturelle ; éducation ; politique ; obstacles épistémologiques.*

Resumo

Abstract

Résumé